

De Londres Para O GLOBO

O "QUARTO DE DESPEJO" EM EDIÇÃO INGLÊSA

Mais do Que um Sucesso de Escândalo

(De Joaquim Ferreira — Exclusivo Para O GLOBO)

LONDRES, novembro — Está causando sucesso aqui, sendo assunto de referência em quase todos os jornais, a edição inglesa de "O Quarto de Despejo", aparecida com o título de "Beyond All Pity", capa muito expressiva e várias fotografias. Trata-se da versão norte-americana, que se chamou "Child of Dark". No prefácio que apresenta o famoso diário de Carolina Maria de Jesus dá-se notícia do forte impacto causado no Brasil pela obra que em nosso país bateu todos os records de venda. Conta-se também do prestígio que agora desfruta sua autora, informando-se que ela tem falado pelo rádio e a televisão sobre os problemas das favelas; que "O Quarto de Despejo" é objeto de estudo nos cursos de Sociologia e que, tendo apenas dois anos de escola em toda a sua vida, Carolina recebeu o título de sócio honorário que a Universidade de São Paulo destinava a Sartre. São detalhes mencionados em muitas das críticas em que surgem outros episódios da existência narrada nas páginas deste extraordinário documento humano. Poucos outros nomes terão sido apresentados com maior simpatia ao público britânico. Isto será mais um traço a distinguir a carreira espetacular de Carolina, assim como um novo êxito se junta aos do seu diário na circunstância de que nunca na imprensa inglesa se falou tanto — e com tamanha admiração — de um livro saído do Brasil. Tiveram receptividade diferente, como se compreende, considerando-se os planos em que estão situados, livros brasileiros que aqui foram bem acolhidos, entre os quais "Os Sertões", dois romances de Machado de Assis e "Minha Vida de Menina", de Helena Morley, embora este último tenha agradado pouco a Sir Harold Nicholson, que lhe fez restrições severas em "The Observer", de que é o principal crítico literário.

Um Gênero Que Não Varia

Apenas um reparo descobri no que se disse de "O Quarto de Despejo": ser um tanto repetitivo, observando o crítico do "Sunday Times" — um dos jornais chamados de classe — que bastariam suas dez primeiras páginas para que soubéssemos tudo sobre a vida nas favelas. E que a literatura da extrema pobreza é a mesma por toda parte. Com esta frase são lembrados estudos já clássicos na seara literária da miséria e ao nível dos quais se admitem, por suas qua-

lidades muito prezadas pelos colunistas ingleses — as amargas anotações de Carolina Maria de Jesus, com sua filosofia que não é exatamente estóica, embora sublimada por uma coragem indomável. Escrevendo no "Guardian" — que é uma das vozes mais respeitadas na imprensa inglesa — Isabel Guigly, afirmando que cem sociólogos não poderiam ter dado a imagem que este livro oferece, adiantou que o vigor e a vivacidade do diário não foram prejudicados pela tradução um tanto inepta. Na revista "The Spectator" — a mais antiga do país e que nesta edição traz o número 7006 — o romancista Frank Tughy, que estreou há poucos anos com "The Animal Game" (o jogo do bicho), uma novela de motivo brasileiro, campo a que já voltou com outro romance e um livro de histórias — elogia "Beyond All Pity", mas castiga o tradutor, ainda mais censurável por seu prefácio, em grande parte desastrado.

Enganos Clamorosos

Escrito talvez com a intenção de criar maior curiosidade pela história, pareceu-nos que, ao contrário, usando algumas de suas frases mais expressivas, abriu precipitadamente o pano de cena e estragou, pela antecipação, o espetáculo que, na verdade, é uma seqüência de fatos mais ou menos idênticos, refletindo a constância de sordidez que marca o mundo dos favelados. Mas o prefácio não peca apenas por isso. É talvez ainda pior quando, em contraste com a exatidão das notas de rodapé, realmente esclarecedoras, comete enganos clamorosos. Depois de dizer que o Imperador Dom João VI — título que ele nunca usou — transferiu em 1763 — quando nem havia nascido — a capital do Brasil da Bahia para o Rio — informa que nas sêcas do Nordeste, ocorrendo em média de 2 em 2 anos, centenas de pessoas morrem de fome. O verbo está lá — morrem, no presente. Este ponto foi devidamente corrigido em nota do "Brazilian News" — publicação do SEPRO — lembrando o trabalho realizado no combate ao flagelo nordestino.

Em respeito aos seus méritos é apenas de desejar que este livro tenha sido mais afortunado noutros idiomas, colhendo os mesmos justos louvores que está recebendo aqui, onde é mais do que um sucesso de escândalo...

